

Mãos crioulas garantem empreendimento solidário da agricultura familiar no Semiárido

As famílias agricultoras das comunidades remanescentes de quilombos Umbuzeiro e Leitão, em Afogados da Ingazeira, no Sertão do Pajeú de Pernambuco, estão garantindo o sustento por meio da cajucultura. Através da capacidade de mobilização e organização social a atividade tem se tornado uma fonte de renda e viabilizado novos empregos. Organizados em associação os agricultores conquistaram a Unidade de Beneficiamento de Castanha de Caju reconhecida como um empreendimento solidário da agricultura familiar no Semiárido brasileiro e contemplada com o selo do Serviço de Inspeção Estadual (SIE).



Desde 2002 novas perspectivas de mercado vem se ampliando para 12 famílias que produzem as Castanhas Mãos Crioulas, através da parceria entre o Projeto Dom Helder Câmara (PDHC) e a assessoria técnica da Cooperativa dos Profissionais em Atividades Gerais (COOPAGEL). Atualmente a castanha está sendo comercializada no mercado local, em outras regiões de Pernambuco e até em outros Estados.



A união tem oferecido protagonismo e a criação de espaços para atuação e garantia da igualdade de gênero. As mulheres sempre ficaram com a atribuição de cuidar da casa, dos filhos, e quando possível auxiliar o marido no roçado. Hoje elas conseguem transformar o quintal de suas casas em um espaço fértil com uma variada produção para consumo de suas famílias e ampliar a renda trabalhando na unidade de beneficiamento. A agricultora Maria das Dores trabalha com o grupo e vem colhendo os frutos desta parceria. “Antes não tínhamos renda de nada e dependíamos do marido. Agora temos nosso próprio dinheiro e podemos ajudar em casa. É



pouco, mas ajuda e temos a certeza que temos e é nosso”, diz. Maria das Dores também reconhece os benefícios adquiridos após o assessoramento técnico. “O conhecimento é a base de tudo e vale mais do que dinheiro. É muito bom repassar o que sabemos e aprender. Hoje recebemos pessoas que nos dão o acompanhamento e tudo isso é valorizado na vida da gente”.

A matéria prima é proveniente das comunidades locais, como os sítios Queimada Grande, Serrote Verde, Carapuça e Pereiros, por exemplo, e dos municípios vizinhos. Consolidadas no mercado pela qualidade, as castanhas

Mãos Crioulas vêm ampliando sua capacidade produtiva e mesmo em épocas de seca prolongada, a produção consegue permanecer normalizada graças ao estoque de castanha in natura da safra anterior. Até a comercialização a castanha passa pelas etapas de armazenamento, seleção manual, estoque, cozimento a vapor, secagem ao sol, retirada da casca, permanência na estufa, retirada da película e por fim uma nova seleção antes do empacotamento.

A agricultora Rosimere Maria da Silva mora a 22 anos na comunidade do Leitão e lembra os avanços conquistados através da coletividade com a fundação da Associação dos Moradores do Leitão e Umbuzeira, em 1995. Melhorias significativas que contribuem para a efetivação da cidadania no meio rural e a melhoria da qualidade de vida das famílias agricultoras. Inicialmente a maior dificuldade era a estrutura hídrica, saneamento e o acesso a energia elétrica. Até a conquista das cisternas de 16 mil litros pela Articulação do Semiárido (ASA) eles percorriam longas distâncias para beber, cozinhar ou para fins de produção, por exemplo. Hoje a realidade é bem diferente e promissora. Os quintais produtivos próximos às novas cisternas de 52 mil litros do Programa Um Milhão de Cisternas (P1+2), os roçados e a criação de galinhas já desenham um novo cenário. A construção de banheiros e o acesso à energia elétrica também trouxeram esperança. Na opinião dela a unidade de Beneficiamento de Castanha de Caju trouxe mais do que a geração de renda, mas contribuiu para o fortalecimento do lugarejo e para a multiplicação da experiência que vem auxiliando outras famílias que tem conhecido este trabalho.



“Eu acho que tudo que fazemos hoje é um futuro para nossos filhos. A gente tem força de trabalho e vontade para ver a unidade de beneficiamento funcionando e melhorando cada vez mais”, afirma.

O local também se destaca por suas tradições artísticas e religiosas. O Grupo de Coco de Roda Negros e Negras do Leitão preserva o samba de coco iniciado há mais de 150 anos, quando os negros vieram trabalhar nos engenhos da região. Outro referencial é a banda de pífanos. Nas comunidades de Umbuzeiro e Leitão os sonhos são muitos, mas acima de tudo coletivos. O que é bom para um é o melhor para os demais.